



**CONNECTING MINDS
IN THE
WORLD OF STONE**

**EXCURSÃO DE
CAMPO:
REFERÊNCIAS
GEOLÓGICAS**

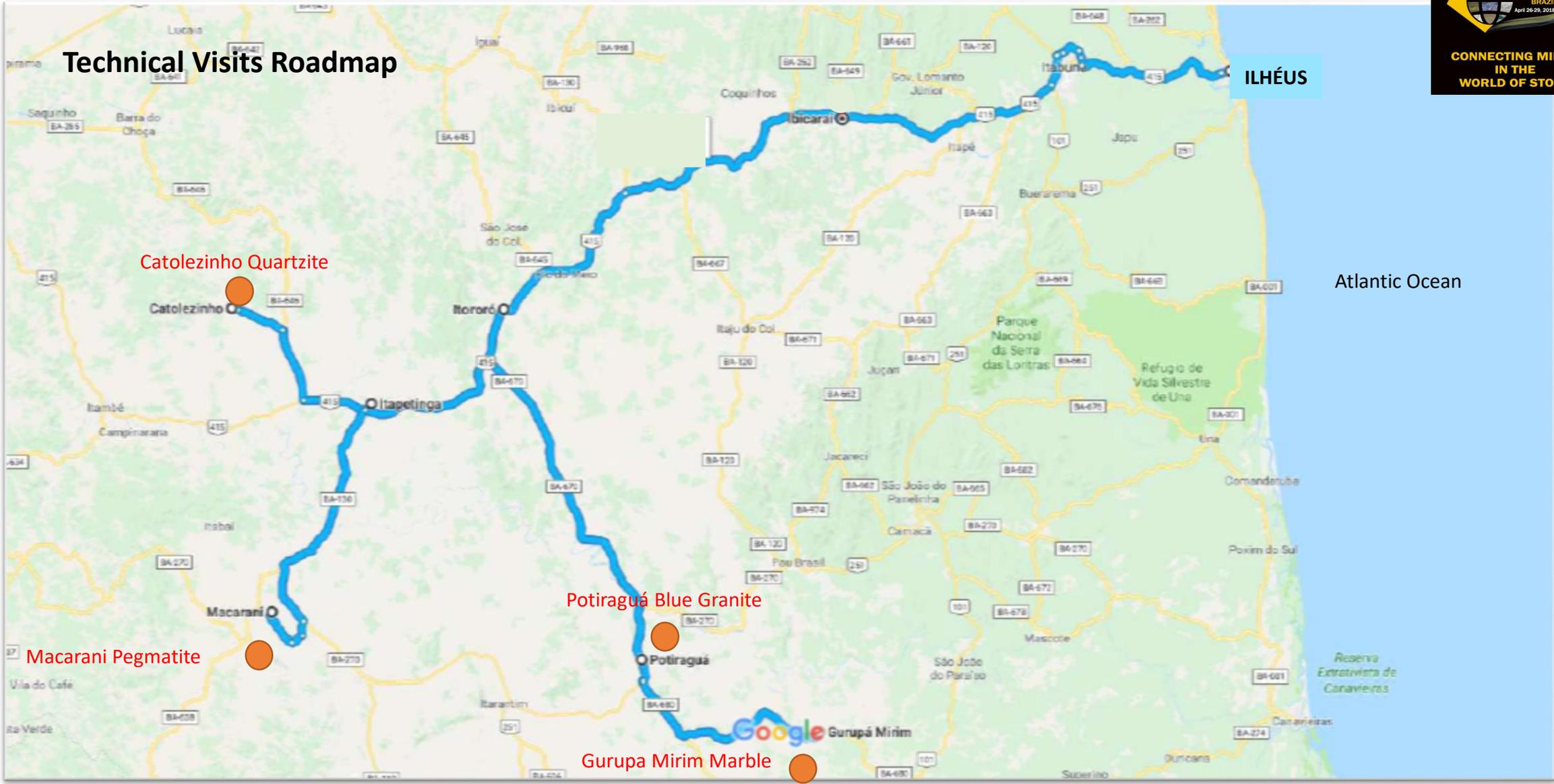
**Ilhéus, Bahia
30 Abril – 1º Maio
Brasil, 2018**

APRESENTAÇÃO

Durante a excursão de campo, integrada ao GSC 2018, deverão ser visitadas quatro pedreiras de rochas ornamentais de interesse no estado da Bahia, envolvendo:

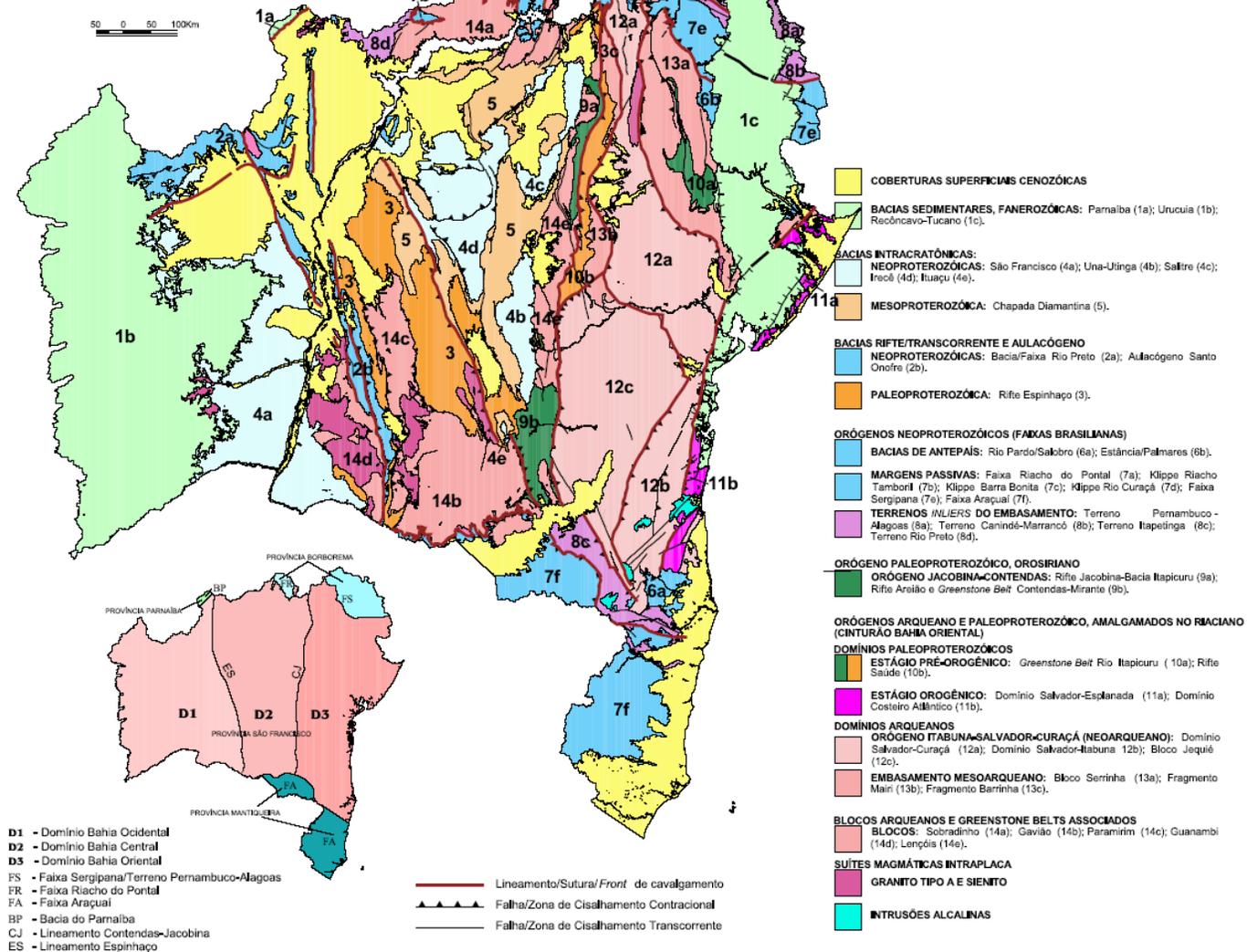
- granitos azuis em Potiraguá;
- mármore claros em Gurupá Mirim;
- pegmatitos esbranquiçados em Macarani;
- quartzitos maciços branco-esverdeados em Cassilândia/Catolezinho.

De acordo com o Mapa Geológico do Estado da Bahia (escala 1:1.000.000), esses locais de lavra estão posicionados em dois domínios tectono-geológicos regionais: o Cinturão Bahia Oriental (granitos azuis, mármore e quartzitos) e a Província Mantiqueira (pegmatitos).



DOMÍNIOS TECTÔNICOS

Fonte: Mapa Tectônico do Estado da Bahia
(Delgado et al, 2003)



Fonte: SOUZA, João Dalton de; MELO, Roberto Campelo de; KOSIN, Marília (Coords.). **Mapa Geológico do Estado da Bahia - Escala 1:1.000.000.** Salvador: CPRM, 2003, versão 1.1. Programas Carta Geológica do Brasil ao Milionésimo e Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil (PLGB). Convênio de Cooperação e Apoio Técnico-Científico CBPM-CPRM.

Disponível em:
<http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/8665>

O GRANITO AZUL DE POTIRAGUÁ

O granito azul de Potiraguá associa-se a um evento de magmatismo Neoproterozóico, representado pela denominada Província Alcalina do Sul do Estado da Bahia. Esta província está definida entre as cidades de Ilhéus e Itabuna, a nordeste, e Itarantim, a sudoeste, compondo as suítes identificadas como Itabuna, Floresta Azul e Itarantim-Potiraguá. Suas rochas dominantes são sieníticas, parte das quais portadoras de nefelina e, mais raramente, de sodalita, com variações frequentes para materiais máficos também alcalinos. A sodalita é o mineral que confere cor azulada aos sienitos que a contêm.

Datações radiométricas disponíveis apontam idades situadas entre 680-740 Ma para o evento de magmatismo alcalino. Diques e outros corpos intrusivos menores, também correlacionados a esse evento magmático, sugerem seu desenvolvimento até cerca de 550 Ma.

O GRANITO AZUL DE POTIRAGUÁ

As rochas encaixantes, regionalmente associadas ao Cinturão Bahia Oriental, integram sequências arqueanas e paleoproterozóicas de estruturação geral submeridiana. Lineamentos tectônicos NE-SW, discordantes da estruturação regional, aparentemente condicionaram o evento anorogênico de magmatismo alcalino.

Os granitos azuis da Bahia são explorados a várias décadas, por um pequeno número de empresas. Variedades de cor marrom também têm sido extraídas e colocadas no mercado. Como materiais bastante raros e muito valorizados, a produção e comercialização dos granitos azuis não envolvem volumes expressivos. A concentração de sodalita pode ser localmente tão elevada que permite sua separação e comercialização como pedra semipreciosa.

Outras rochas azuladas brasileiras, também utilizadas como material de ornamentação e revestimento, incluem gnaisses a cordierita, quartzitos com dumortierita e granitos portadores de quartzo azul. No Brasil, a exemplo dos sodalita sienitos, também os quartzitos com dumortierita são exclusivos do estado da Bahia.



Pedreira do granito azul (comercialmente sodalita) lavrado pela empresa Somibras, no município de Potiraguá.

O MÁRMORE DE GURUPÁ MIRIM

Estes mármoreos estão geologicamente associados à Formação Serra do Paraíso, componente do Grupo Rio Pardo. As rochas Rio Pardo afloram contiguamente a E-SE da Suíte Alcalina Itarantim-Potiraguá, estendendo-se para leste até as coberturas cenozoicas da zona costeira do sul da Bahia. Trata-se de uma faixa dobrada brasileira (neoproterozoica), constituída por unidades terrígenas e carbonáticas de baixo grau de metamorfismo. Mármoreos calcíticos e dolomíticos ocorrem associados a quase todas as formações integradas ao Grupo Rio Pardo, sendo dominantes na Formação Serra do Paraíso. Nesta formação assinala-se a existência de mármoreos dolomíticos portadores de estruturas estromatolíticas colunares.

Os mármoreos do tipo encontrado no Grupo Rio Pardo constituem novas e importantes frentes de produção de rochas ornamentais nas regiões nordeste e sul do Brasil.



Pedreira de mármore lavrado pelas empresas Exido/MagBan, no município de Gurupá Mirim.

O PEGMATITO DE MACARANI

O corpo pegmatítico de Macarani está tectonicamente posicionado na Faixa Araçuaí, da Província Mantiqueira, intrudindo rochas associadas ao Grupo Macaúbas. Esta unidade geológica é definida como uma sequência metavulcanossedimentar, de idade neoproterozoica, portadora de xistos variados, paragnaisses, anfibolitos e quartzitos, incluindo metassedimentos glaciogênicos como diamictitos e tilitos. Pelo menos parcialmente, o Grupo Macaúbas é considerado cronocorrelato ao Grupo Rio Pardo, também de acordo com o mapa geológico da CPRM/CBPM.

A encaixante local do pegmatito de Macarani é um paragnaisse biotítico fortemente dobrado, portador de intercalações quartzo-feldspáticas e calciossilicáticas muitas vezes “boudinadas”. O corpo pegmatítico não é tabular, compondo massas irregulares de grande dimensão. Tanto o pegmatito quanto suas encaixantes são aproveitados como material de ornamentação e revestimento.

O PEGMATITO DE MACARANI

Atribuindo-se idade neoproterozoica ao Grupo Macaúbas, é razoável assumir que os pegmatitos nele intrusivos estejam associados às fases finais do magmatismo pós-orogênico do Ciclo Brasileiro, já durante o Eopaleozoico. Os corpos pegmatíticos amplamente ligados à Faixa Araçuaí, nos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, compõem pelo menos nove distritos produtivos de pedras preciosas e semipreciosas integrados à denominada Província Geomológica Oriental do Brasil.

Esses pegmatitos constituem, assim, tanto uma rocha-fonte para gemas, quanto um material exótico para o setor de rochas ornamentais. Seu potencial econômico estende-se para a produção de vidro, cerâmica e até de materiais rochosos artificiais. Pelo seu quimismo, também são promissoras as possibilidades de utilização de pegmatitos moídos, tanto quanto de sienitos, como remineralizadores de solo e fertilizantes agrícolas.

No Brasil, algumas empresas do setor de rochas estão produzindo, mesmo que ainda em pequena escala, montagens do tipo Palladianas, com rochas exóticas e inclusive com material pegmatítico. Deve-se também ressaltar que os blocos de quartzo cristalino, atualmente produzidos no Brasil, associam-se a fases diferenciadas de intrusão de corpos pegmatíticos.



Pedreira de pegmatito lavrado pela empresa Ouro Campo, no município de Macarani.

O QUARTZITO DE CASSILÂNDIA/CATOLEZINHO

Os quartzitos branco-esverdeados explorados nas proximidades de Catolezinho (ou Cassilândia), a N-NE da cidade de Itapetinga, estão posicionados na faixa de definição do Complexo Itapetinga, integrado por rochas gnáissico-migmatíticas arqueanas e paleoproterozoicas, principalmente ortoderivadas e frequentemente milonitizadas. Quartzitos não constituem rochas características desse complexo. Aventa-se a possibilidade de transporte tectônico, para leste, de quartzitos paleo e mesoproterozoicos aflorantes na faixa do Espinhaço / Chapada Diamantina (Domínio Bahia Central).

Os quartzitos aflorantes na pedreira que será visitada exibem evidências de forte dobramento e transposição plano-axial, estando por vezes bastante recristalizados e com textura sacaroide. Um mineral placoide esverdeado, provavelmente fuchcita, compõe níveis descontínuos e lenticularizações difusas que permitem evidenciar a intensa deformação da rocha.



Pedreira de quartzito lavrado pela empresa Ouro Campo, na localidade de Catolezinho, município de Itambé.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES E AGRADECIMENTOS

As lavras de granito azul e de mármore serão visitadas no 1º dia da excursão de campo (30 de abril) e as de pegmatito e de quartzito no 2º dia (1º de maio).

A Comissão Organizadora do GSC 2018 expressa sinceros agradecimentos às empresas Somibras (lavra de sodalita), Magban/Exido (lavra de mármore) e Ouro Campo (lavras de pegmatito e de quartzito), pelas informações fornecidas e autorização de visita às suas áreas de trabalho. Agrade também ao geólogo Marcelo Taylor de Lima, pelo apoio técnico aos trabalhos de campo, e à economista Ana Cristina Franco Magalhães, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Bahia, pelo interesse e facilitação dos contatos com as empresas do setor de rochas situadas na área objetivada pelas visitas técnicas. As fotos das pedreiras são de autoria dos geólogos Marcelo Taylor de Lima e Maria Heloisa Barros de Oliveira Frascá e da engenheira de minas Nuria Fernández Castro. O texto foi elaborado pelos geólogos Cid Chiodi Filho e Denize Kistemann Chiodi.

ABIROCHAS

Brazilian Association of the Dimension Stone Industry

REALIZATION / REALIZAÇÃO



CETEM
CENTRE FOR MINERAL TECHNOLOGY

MINISTRY OF SCIENCE, TECHNOLOGY, INNOVATION AND COMMUNICATIONS



PARTNERSHIP / PARCERIA



BRAZIL ORIGINAL STONES
Bring beauty to life



ApexBrasil
BRAZILIAN TRADE AND INVESTMENT PROMOTION AGENCY

DIAMOND SPONSOR / PATROCÍNIO DIAMANTE



Companhia Baiana de Pesquisa Mineral



45 ANOS
Companhia Baiana de Pesquisa Mineral



SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
BAHIA GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



PREFEITURA DE Inheus
Tempo à cidade



SECRETARIA DE TURISMO
BAHIA GOVERNO DO ESTADO

BRONZE SPONSOR / PATROCÍNIO BRONZE



GESTRA
STONE SPLITTERS

SPONSOR / PATROCÍNIO



Apollo Logística

SUPPORT / APOIO



SOMIBRAS
Sociedade de Mineração Brasileira Ltda.

INSTITUTIONAL SUPPORT / APOIO INSTITUCIONAL



CAU/BR
Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil



Confederação Nacional da Indústria
CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA



FIEB
Federação das Indústrias do Estado de Bahia



CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Centro Tecnológico del mármol, piedra y materiales



MEDIA PARTNERS / APOIO EDITORIAL



EVENT MANAGEMENT / SECRETARIA EXECUTIVA



gobastone2018@eticaeventos.net.br

